

AS EMOÇÕES (DES)VELADAS PELA LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DA PATEMIZAÇÃO PRESENTE NA NARRATIVA DA OBRA UBALDIANA “VIVA O POVO BRASILEIRO”

Karla Kariane da Silva Dantas¹

INTRODUÇÃO

Através dos estudos realizados nas últimas décadas acerca das emoções, foi possível identificar que elas não podem ser reduzidas a simples sensações, pois, além de possuírem base cognitiva, existem a propósito de alguma coisa, são de caráter particular e, ao mesmo tempo, resultam do conjunto das configurações que formam uma sociedade. Dessa forma, é fundamental que abordagens e reflexões mais profundas sejam feitas a respeito do tema sob a ótica da análise do discurso, visto que, se a emoção influencia o pensamento e a ação do sujeito, influencia, portanto, sua linguagem.

O estudo das emoções é de grande importância porque contribui para a melhor interpretação e análise de um discurso, pois, “as emoções são de ordem intencional, estão ligadas a saberes de crença e se inscrevem em uma problemática da representação psicossocial.” (CHARAUDEAU, 1997).

O principal objetivo do presente trabalho é estudar a patemização, no que se refere a tudo que engloba sentimento, paixão, emoção e seus derivados, como uma estratégia discursiva presente nos diálogos das personagens Antônia Vitória, Venância (Vevé) e Perilo Ambrósio da obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, em sua 5ª edição, publicada pela editora Objetiva no ano de 2009, no Rio de Janeiro.

¹ Graduada em Licenciatura em Letras, UPE.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho, através da pesquisa bibliográfica, não realiza uma pesquisa quantitativa, uma vez que não visa enumerar ou medir os eventos relacionados aos temas abordados, mas utiliza-se da orientação metodológica qualitativa, de cunho interpretativista.

Nosso *corpus* se constitui de trechos aleatórios dos discursos das personagens Perilo Ambrósio, Antônia Vitória e Venância (Vevé), bem como do discurso narrativo da obra literária *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro, em sua 5ª edição, publicada pela editora Objetiva no ano de 2009, no Rio de Janeiro.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico das leituras acerca da teoria da patemização e das propriedades do modo de organização narrativa. Em seguida, far-se-á uma análise baseada na teoria da patemização de Patrick Charaudeau (1997), com o objetivo de investigar os elementos que evidenciam a emoção como um efeito discursivo da obra literária *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro.

ANÁLISES E DISCUSSÃO

Diante da impossibilidade de analisar toda a narrativa da obra ou de investigar a presença da patemização em todos os diálogos nela contidos, foram selecionados discursos que mais refletem os principais aspectos recorrentes do livro: o questionamento da verdade no recontar da construção da nação brasileira e a valorização da identidade negra. Dessa forma, a análise será discorrida com base nos tópicos apresentados pelo modelo proposto por Charaudeau (1997) em seu artigo “A patemização na televisão como estratégia de autenticidade”²: a “dor” e o seu oposto, a “alegria”; a “antipatia” e o seu oposto, a “simpatia”; a “repulsa” e o seu oposto, a “atração”.

² Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/A-patemizacao-na-televisao-como.html>>

A) REPULSA E ANTIPATIA

O primeiro fragmento discursivo a ser analisado diz respeito à fala do personagem Perilo Ambrósio, filho de portugueses que se tornou Barão de Pirapuama após delatar os seus pais na Revolução pela Independência. Inicialmente, pode-se constatar a relação assimétrica entre os interlocutores no que se refere à questão de poder, visto que Perilo Ambrósio dirige-se a Feliciano, um de seus escravos.

- Avia-te, estafermo! [...] Ficas com esta cara de merda, sem dúvidas porque deixei-os ao sol – e lá os deixo pela Eternidade, se tanto me der na telha! – e porque querem botar essas bocas de estrumo cá na cabaça de onde bebo esta água imunda que me trazem! Por que me deitaram desta água imunda à cabaça? Por quê? Responde, pedaço d’asno, bosta do demônio! E, se te deixo ao sol, por isso devias ter-me em melhor conta, pois que lá te faço um grande favor, que teus miolos não de estar acostumados a ser cozidos pelo sol das Áfricas e assim te confortas um pouco. E não me faças cá esta feição de monge silencioso, macaco deslavado, não me faças feição alguma, os negros não têm alma e têm quanto direito a expressar-se quanto o têm porcos e galinhas! (RIBEIRO, 2009, p. 24-25)

De imediato, observa-se um sujeito enunciador (Perilo Ambrósio) que possui uma imagem negativa de um actante (Feliciano) e que apresenta uma rejeição violenta dessa imagem. A repulsa do enunciador pelo seu interlocutor é confirmada através de itens lexicais que exprimem desprezo e desgosto, como **“cara de merda”**, **“pedaço d’asno”**, **“bosta do demônio”** e **“macaco deslavado”**.

O proferimento **“os negros não têm alma e têm direito a expressar-se quanto o têm porcos e galinhas!”**, nos revela que Feliciano não é o único alvo da repulsa de Perilo Ambrósio. Os vestígios que evidenciam a repulsa do sujeito enunciador são direcionados não apenas ao seu escravo, mas ao negro em geral, o que caracteriza a aversão e a fobia do Barão de Pirapuama. Com a finalidade de crítica social e questionamento da verdade na construção da identidade nacional brasileira, a *repulsa* pelo negro é evidenciada em toda a obra.

Além disso, a forma de construir a narrativa escolhida pelo autor é suscetível de produzir uma *antipatia* do leitor pelo personagem Perilo Ambrósio, visto que as sentenças **“macaco deslavado”** e **“os negros não têm alma”** proferidas pelo sujeito enunciador configuram discriminação racial, o que, dentro do nosso contexto social e

de acordo com os nossos saberes de crença, é, tanto humanamente como constitucionalmente, incorreto. Dessa forma, a narrativa busca colocar o leitor em estado de indignação frente a uma vítima perseguida (Feliciano), mobilizando, assim, suas crenças sobre o bem e o mal, sendo Perilo Ambrósio o responsável por esse mal.

B) ALEGRIA X ESTRANHAMENTO E PERPLEXIDADE

O trecho seguinte se trata da descrição narrativa do momento em que Perilo Ambrósio se masturba pensando em Vevé, uma de suas escravas.

Urinando sonorosamente num penico de porcelana, Perilo Ambrósio sentiu grande prazer. [...] Assim como estava, exposto e pingando, caminhou até a janela. [...] Encostando a barriga no poial da janela, baixou ambas as mãos para apalpar-se e logo sentiu que tudo embaixo se avolumava. Agora não ficava tão duro como antes, quando somente pensar em alguns dos negros e negras da casa o fazia querer explodir, retesado e doendo como se fosse destacar-se do corpo. Às vezes, nem mesmo ficava completamente duro, mas se orgulhava da massa grossa e rombuda em que passava a mão com delicadeza. [...] esboçou um meio sorriso e [...] começou a masturbar-se à janela, mal podendo conter a vontade de gritar e urrar, pois que se masturbava por tudo aquilo que era infinitamente seu, os negros, as negras, as outras pessoas, o mundo, o navio a vapor, as árvores, a escuridão, os animais e o próprio chão da fazenda. [...] Imaginou-se suavemente prepotente. [...] E finalmente pegando a negrinha Vevé e, sem dizer uma palavra, atirá-la à cama, abrir-lhe as pernas, deixar bem claro que não queria que se mexesse e, [...] depois de penetrá-la até encostar os ossos dela em suas banhas, com mais estocadas curtas, como quem trespassa, como quem empala, como quem gostaria de que a mulher fosse inteiramente atravessada e morresse com as vísceras destroçadas, morresse bem no instante em que, quase sem precisar fazer mais um gesto sequer, gozasse dentro dela, senhor completo, senhor completo, levantando-se e limpando sangue e gosma na camisola da negrinha. Ainda não tinha acontecido, mas ia acontecer [...]. (RIBEIRO, 2009, p. 102-104)

A descrição do estado emocional de Perilo Ambrósio na cena se configura pela sentença “**Perilo Ambrósio sentiu prazer**”. Seu contentamento e a satisfação dos seus desejos são ainda desvelados pelos proferimentos “**se orgulhava**”, “**esboçou um meio sorriso**”, “**vontade de gritar e urrar**” e “**senhor completo**”.

Entretanto, ainda que os enunciados sejam constituídos de palavras que transparecem *alegria*, verifica-se que ocorre um fenômeno nomeado por Charaudeau (1997) de “problema de causalidade”, quando a descrição de

determinada emoção não produz o efeito patêmico esperado no interlocutor. No entanto, nota-se que a descrição da cena propõe ao destinatário (o leitor) certo estranhamento, inicialmente porque o que levou Perilo Ambrósio a se masturbar foi o “**prazer**” originado do ato de urinar; e posteriormente porque a satisfação do seu desejo e o seu bem-estar corporal advêm do sentimento de poder pelos negros e por tudo que possui.

Assim, em meio a esse universo patêmico, ocorrem, ainda, elementos que são suscetíveis de produzir *perplexidade* no leitor, como “**gostaria de que a mulher fosse inteiramente atravessada e morresse com as vísceras destroçadas**”, visto que tais pensamentos e conduta subvertem as normas de convivências sociais, designam violência e estupro e infringem as leis.

C) DOR E SIMPATIA

Em contrapartida, selecionamos a descrição narrativa da cena do estupro de Vevé, focalizando, desta vez, o estado emocional da escrava.

[...] o rosto em brasa e o meio das pernas não molhado, mas seco, ardido e estraçalhado, não razão de orgulho e contentamento, mas de vergonha, nojo e desespero – e nada, nada, nada, que havia no mundo senão nada, nada, nada, e os engulhos que lhe contraíam a barriga trazendo até a garganta o estômago envolto em câimbras e o ódio que lhe fazia crepitar a cabeça com uma dor cegante e a certeza de que nada, nada, nada jamais a limparia, nem água, nem sangue, nem uma lixa que esfregasse em todo o corpo, nada, nada, nada! Que era ela? Aquilo, somente aquilo, aquele fardo, aquela trouxa, aquele pano de chão, aquele monte de lixo e nada, pois não conseguia ao menos chorar, embora quisesse muito. [...] finalmente chorou. Chorou muito tempo na mesma posição, chorou por muitas razões, às vezes todas juntas, às vezes cada uma por seu turno, teve raiva de sentir pena de si mesma, principalmente teve raiva por sentir vergonha, por que haveria de sentir vergonha, quando não tinha feito nada? Mas tinha cada vez mais vergonha e ódio por essa vergonha que sabia que não podia ser dela, mas era, mas era, era, era, era! Pois ele também lhe passara a vergonha que devia ser dele mas nele era triunfo, saíra do quarto pavoneado e de cabeça erguida, haveria até entre os negros quem risse ou debochasse quando soubesse de tudo, e lhe vinha tanta mais vergonha que quase não podia suportar pensar. Suja, muito suja, suja de todas as maneiras, doída, tão doída, ela abraçou a si mesma, sozinha, tão sozinha, sozinha tão sem remédio, e ficou dormente. (RIBEIRO, 2009, p. 155-158)

É possível encontrar elementos que caracterizam diferentes graus da dor, como a *tristeza* pela aceitação de impotência, de fatalidade (“**finalmente chorou.**

Chorou muito tempo na mesma posição”), a *vergonha* (“**não razão de orgulho e contentamento, mas de vergonha, nojo e desespero**”, “**tinha cada vez mais vergonha**”, “**lhe vinha tanta mais vergonha que quase não podia suportar pensar**”), a *humilhação* (“**suja, muito suja, suja de todas as maneiras**”, “**nada jamais a limparia**”) e o *orgulho ferido* (“**Que era ela? Aquilo, somente aquilo, aquele fardo, aquela trouxa, aquele pano de chão, aquele monte de lixo e nada**”).

Dessa forma, a “**dor cegante**” da escrava é configurada não apenas pelo aspecto sensorial (“**doída, tão doída**”), mas também pelo seu estado mental (“**chorou por muitas razões**”), uma vez que a personagem encontra-se em uma sensação de mal-estar profundo, sofrimento e abatimento desencadeados por um actante-objeto (Perilo Ambrósio/estupro) que a colocou em situação não apenas de *vítima-ofendida*, mas também de *vítima moral*, pois a humilhação sofrida por ela mobiliza uma rede de crenças.

Os vestígios da emoção na construção dramatizante da narrativa têm o objetivo de produzir um efeito patêmico estabelecido por meio de uma *identificação-projeção* que é proposta ao destinatário, sendo o leitor o *receptáculo* dessa visada, visto que a descrição da cena é suscetível de produzir um efeito emocional no leitor através de palavras que descrevem de maneira transparente um estado emocional, desde que o mesmo tenha conhecimento da situação de enunciação e que seus saberes de crença reafirmem o estupro e a escravidão como algo incivil e inaceitável.

Dessa maneira, ao contrário da *antipatia* que a descrição narrativa do estado emocional de Perilo Ambrósio pode causar no leitor (“**saíra do quarto pavoneado, de cabeça erguida**”), a focalização na subjetividade da personagem Venância após ter sido estuprada é passível de fazer com que o leitor, de acordo com suas crenças morais, se veja voltado para o *perseguido* (Vevé) com o estado emocional mais relacionado ao comportamento de *ajuda* para aliviar o sofrimento da personagem. Tal atitude reativa é nomeada por Charaudeau (1997) de *simpatia*, que pode se manifestar através das figuras de *benevolência* e *compaixão*.

Foi possível observar ainda que, em toda a narrativa da obra, há elementos que são passíveis de impulsionar o leitor a se voltar para os personagens que representam o negro como um actante benfeitor, de maneira a construir uma imagem intelectual positiva do negro essencializada em “herói”. Essa *admiração* ou *encantamento* pelo personagem configura a *atração* que a narrativa pode desencadear no leitor através das descrições de cenas que retratam a luta do negro por uma sobrevivência digna na época da escravidão e a discriminação sofrida pelos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, exploramos as emoções sob a perspectiva linguareira, ou seja, como um elemento constituinte do ato de comunicação, utilizando como embasamento teórico os estudos de Patrick Charaudeau a respeito da patemização, teoria que engloba tudo que se refere à paixão, sentimento e emoção do sujeito no discurso.

A partir de trechos da narrativa da obra ubaldiana *Viva o povo brasileiro*, verificamos a subjetividade dos fragmentos analisados e investigamos a emoção em ação através da atividade de linguagem, destacando os elementos que remetem ao campo semântico da emoção e, portanto, evidenciam o universo patêmico do discurso da obra.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Harvard University Press (Traduzido por Armando Manuel Moura de Oliveira. *Sentido e Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1993).

CHARAUDEAU, Patrick. *A patemização na televisão como estratégia de autenticidade*, set. 1997. Disponível em < <http://www.patrick-charaudeau.com/A-patemizacao-na-televisao-como.html>> Acesso em 15 de abril de 2015.

_____. *Uma Análise Semiolinguística do Texto e do Discurso*. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (orgs.). *Da Língua ao Discurso: Reflexões para o Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2014.

KEMPSON, R. *Semantic Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

LIMA, Helcira. "Patemização: emoções e linguagem". In: MACHADO, Ilda Lúcia; MENEZES, Willian. MENDES, Emília (orgs.). *As Emoções no Discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MACHADO, Ilda Lúcia; MENEZES, Willian. MENDES, Emília (orgs.). *As Emoções no Discurso, volume I*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. *As Emoções no Discurso, volume II*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MARI, Hugo; MENDES, Paulo Henrique A. "Enunciação e emoção". In: MACHADO, Ilda Lúcia; MENEZES, Willian. MENDES, Emília (orgs.). *As Emoções no Discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MENDES, Simone Santos; MENDES, Paulo Henrique A. Mendes. "Uma análise discursiva das emoções em *Laranja Mecânica*: o estranhamento, a humilhação e a indignação". In: MACHADO, Ilda Lúcia; MENEZES, Willian. MENDES, Emília (orgs.). *As Emoções no Discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*, 5ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: L&PM, 2008.